

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

MARCAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PROBLEMATIZANDO UM DISCURSO¹

Deise Raquel Cortes Pinheiro², Noeli Valentina Weschenfelder³.

¹ Trabalho elaborado na disciplina de Planejamento Participativo Como Estratégia de Apoio Pedagógico em Processos Educativos, do PPGEC- Mestrado em Educação nas Ciências-Unijui.

² Licenciada em Pedagogia pela UNIJUI, aluna do Curso de Mestrado em Educação nas Ciências- UNIJUI. E-mail: deisiraquelpinheiro@hotmail.com

³ Professora Doutora em Educação, professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação nas Ciências/Unijui. Orientadora do trabalho. E- mail: noeli@unijui.edu.br

Introdução

O presente texto trata-se de uma análise descritiva e analítica realizada a partir de um discurso. O fato em questão aconteceu na época em que cursava o Curso Normal, em que a fala de uma professora de Educação Infantil em relação às ações desenvolvidas com uma turma de Berçário me fora muito marcante.

Este trabalho e estudo tiveram como principal finalidade o exercício de sistematizar uma experiência, refletindo sobre os processos vividos e as marcas de um discurso na formação docente. Vale ressaltar, que o exercício de problematizar um discurso permite uma reflexão sobre as concepções que se evidenciam através da linguagem. O texto foi relacionado com os estudos de Bujes (2001), Freire (1996, 1982), Holliday (1996), Oliveira (1996), Ostetto (2010) e Rossetti-Ferreira (2003).

Metodologia

Este texto foi elaborado a partir dos estudos referentes à disciplina de Planejamento Participativo Como Estratégia de Apoio Pedagógico em Processos Educativos. Como culminância das abordagens em torno de sistematização, após leitura específica, nos foi proposto o exercício de sistematizar alguma vivência. Optei por fazê-lo sobre um fato ocorrido em minha fase inicial de formação profissional: a fala marcante de uma professora de Educação Infantil. Assim, num exercício de reflexão e articulação às leituras, decorre o presente texto.

Resultados e Discussões

Não se pode criar experiência. É preciso passar por ela.
(Albert Camus)

A epígrafe acima considera que a experiência seja de fato uma vivência, e não uma invenção da mente. Tudo aquilo que vivemos, sentimos ou conhecemos no decorrer de nossa história, de uma forma ou outra nos servirá de experiência. As mesmas acontecem em um espaço e tempo únicos. Assim, não se pode vivê-las novamente ou trocá-las, visto que elas produzem significados singulares em cada sujeito. Nesse sentido, o referido autor também nos induz a pensar que os

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

saberes oriundos das experiências são subjetivos e relativos, pois ocorrem em dimensão pessoal e dinâmica própria de cada um.

A experiência é um modo de apropriar-se de nós, de nossa história. Na medida em que descrevemos e refletimos sobre o vivido, estamos fazendo um exercício de diálogo com nós mesmos. Uma tarefa nem tão simples, porém indispensável se considerarmos os processos de significação que vão acontecendo. Através do pensamento, podemos revisitar e rever o que um dia fora vivenciado. E, com um novo olhar, o olhar do que somos hoje, nos reinventarmos nesse passado tecendo relações com o presente.

Sistematizar uma experiência, em meu primeiro exercício sob este método, ou melhor, primeiro exercício de sistematização, conhecendo o que ela é, tornou o desafio ainda maior. Inicialmente, confesso que minha dificuldade foi em decidir qual a experiência seria relatada neste texto. Gostaria de destacar algo que fora marcante, mas que também tivesse relação com a infância, assunto sobre o qual tenho me debruçado.

Antes de qualquer coisa, realizei leituras que viessem a contribuir para meu entendimento sobre o que é sistematização, para que ela serve e como acontece. E, somente após a leitura de uma obra de Holliday (1996) que fui capaz de decidir sobre qual experiência seria refletida em palavras. Assim, optei por um fato ocorrido na época de quando ainda cursava o Curso Normal, a fala de uma professora e a repercussão que ela teve. Procurarei sistematizar tal experiência porque inicialmente, a mesma me marcou negativamente e até hoje marca, mas agora pelas reflexões e aprendizagens que rendem, as quais pretendo socializar. Concordo veementemente com Holliday (1996), quando o autor afirma que para sistematizar é preciso “Apropriar-se da experiência vivida e dar conta dela, compartilhando com os outros o aprendido.” (p. 26) [grifo do autor]

O fato em questão aconteceu na própria escola em que eu realizava o Curso Normal, mais especificamente, no prédio da Educação Infantil. Durante uma tarde, em visita que fiz à professora e turma do Berçário, em meio a conversas, surgiu a questão do planejamento. Eu, aluna em processo de formação docente, esperava ouvir as mais belas e ricas palavras e relatos sobre como aquela professora planejava para crianças tão pequenas. No entanto, fui surpreendida com o oposto, a mesma me disse: “Não adianta planejar para os bebês. No berçário é só cuidar!”

Penso que o planejamento é essencial em todos os setores da vida social, pois viabiliza as ações e otimiza o tempo. Em sala de aula ele é um instrumento indispensável, na medida em que, orienta o trabalho pedagógico e permite uma melhor articulação entre os objetivos, metodologia e propostas para alcançar resultados satisfatórios. Para tanto, Ostetto (2010), contribui que

[...]a elaboração de um planejamento depende da visão de mundo, de criança, de educação de processo educativo que temos e que queremos: ao selecionar um conteúdo, uma atividade, uma música, na forma de encaminhar o trabalho. Envolve escolha: o que incluir e que deixar de fora, onde e quando realizar isso ou aquilo. E as escolhas, a meu ver, derivam sempre de crenças e princípios (OSTETTO, 2010, p. 178).

Deste modo, o planejamento também evidencia ideias e concepções na medida em que se opta por uma ou outra proposta de experiência para determinado grupo, considerando os critérios desta escolha. Na educação infantil, percebo que muitas vezes não há um planejamento das ações, pois as mesmas acabam se resumindo às práticas rotineiras de cuidado. No entanto, estas também

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

compreendem aspectos pedagógicos, embora nem sempre sejam reconhecidos ou percebidos pelas profissionais desta área. De acordo com Bujes (2001), cuidar e educar são ações indissociáveis, entretanto, sua divisão está no entendimento que se tem acerca da criança, e nas concepções de infância e educação infantil.

As práticas de cuidado/educação envolvem atitudes e ações que demandam certos conhecimentos. Pois é preciso conhecimento para contribuir com o desenvolvimento da criança, para promover situações em que ela possa se constituir humana e cultural, criar vínculos e desenvolver sua autonomia através das interações com o outro e seu entorno. Rossetti-Ferreira (2003) ao tratar das práticas de cuidado e educação entende que

Admirável capacidade humana essa de aprender com os outros da mesma espécie e de se adaptar aos mais variados ambientes e situações. Estranho pensar que ela se funde em nossa extrema imaturidade motora ao nascer, que nos faz depender dos outros por longos anos. Em contraposição, nossa rica expressividade ao nascer, favorece nossa comunicação com os outros. Aqueles que nos cuidam medeiam nossas relações com o mundo (p. 10).

A afirmação da professora soou como negação e afronta aos estudos que realizávamos sobre Educação Infantil. Creio que eu já me apropriava de argumentos para explicar à professora que os bebês que estavam aos seus cuidados, poderiam vir a ser sujeitos aprendentes e competentes, bastava alguém qualificado, com conhecimento e um novo olhar sobre eles. Orientada pela ideia de que a educação começa com a imagem de criança, penso que se o adulto que planeja as ações para e com os bebês enxergar neles um ser de infinitas capacidades, suas práticas serão convertidas em impulsos para um pleno desenvolvimento infantil. Pois, de acordo com Oliveira (1996) “concepções sobre o desenvolvimento guiam, conscientemente ou não, a organização de ambientes em situações educacionais” (p.113).

Mas, naquele momento não me senti no direito de contradizer a afirmação que acabara de ouvir, além de que, tomada pela surpresa e apavoramento, não demorei muito para me retirar do local. Sem a intenção de julgar, condenar a professora pela sua fala naquele dia, pensei que seria melhor não espalhar o ocorrido com colegas e professores do curso. Porém, poucos dias depois, durante uma aula de filosofia, o professor trouxe como exemplo esta mesma fala. O mesmo, não hesitou em dizer que a sua colega de trabalho havia sido a autora, creio que não havia a necessidade de explicitar quem havia falado aquilo e nem era pertinente ao momento.

Certamente, aquela professora acreditava que sua forma de trabalhar era a ideal, fazendo questão de deixar isto claro e compartilhando sua ideia com outras pessoas além de mim. Contudo, percebo que foi válido o exemplo trazido pelo professor, tendo em vista o debate que decorreu sobre ele e a problematização que ele fora mediando de modo que pudéssemos refletir sobre outras questões que poderiam estar “por trás” da fala em questão. Ao tratar das ações do professor de Filosofia e da professora de Educação Infantil, trago a contribuição de Freire (1996), em que o autor afirma que “a prática docente, especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética.” (p. 27). Pois reconheço que ambas posturas produziram efeitos sobre meu processo de formação inicial.

Evidencia-se, assim, a necessidade dos professores estarem constantemente refletindo sobre a sua prática e buscando conhecer mais sobre os sujeitos das ações pedagógicas, pois além de serem os responsáveis pelas aprendizagens dos mesmos, sobretudo servem de exemplo àqueles que desejam

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

atuar em sala de aula. Para sustentar este entendimento, faço referência á ideia de Freire, pois ele afirma que o educador precisa ser um investigador da própria prática fazendo um exercício de ação-reflexão-ação no intuito de transformá-la (1982).

Pretendo ressaltar que naquele momento de discussão em aula, tive vontade de contar que eu também havia ouvido aquela frase infundada e o quão impactante ela havia sido. Porém, a filha da professora em questão era minha colega de sala, e para não me indispor, mais uma vez não me oportunistei a dizer o que pensava. Esta minha colega, expressou em sua testa franzida que também discorda da mãe, mas manteve-se calada durante a problematização que o professor fazia sobre ética, responsabilidade e fazer docente.

Alguns colegas, assim como eu, não opinaram por não se sentirem a vontade a falar sobre o assunto na presença da filha daquela professora. Mas, recordo com clareza que a maioria da turma expressou-se condenando aquela fala: “Uma boa professora não pensa assim!”, “Qualquer um pode trabalhar com crianças...!”. O professor de filosofia, em seu período de aula e assumindo seu papel de mediador, posicionou-se criticando os cursos de formação de professores relacionando-o com aspectos negativos da educação tradicional que ainda eram e são muito presentes nas práticas atuais. Acredito que a desarticulação teoria-prática é um problema em muitas realidades. Cursos de formação docente precisam oportunizar a construção, significação e relação entre teorias e realidades educativas através de processos reflexivos e de problematização. É a partir do conhecimento teórico que se elaboram as concepções que norteiam as práticas, sobretudo, as discussões teóricas precisam ser entendidas como suporte para interpretação da realidade.

Esta vivência descrita acima revela o quanto as palavras e mais do que elas, os exemplos nos marcam. Hoje penso que aquele momento de indignação possa ter sido o marco inicial do meu desejo de compreender o tão sublime e delicado mundo dos bebês. Revivendo esta experiência em pensamento num exercício de análise, reflexão e teorização, penso que não somente ter me dedicado a buscar compreensões sobre planejamento e Educação Infantil, eu poderia ter me movido a entender o porquê aquela professora com uma trajetória que perpassou pelo Curso Normal e Graduação em Pedagogia, pensa e atua daquela forma, e quais intenções emergem de seus discursos e práticas cotidianas em sala de aula.

Conclusões

Reconheço que o desafio de sistematizar uma experiência permite de fato, que nos colocamos sob outra posição. Já não olhamos mais a prática com olhar imaturo de quem se julga um detentor de verdades, mas como um investigador que duvida, questiona e procura “por a prova”. E isso, indubitavelmente nos modifica, reconstrói e nos serve de potência para estudos que demandam certa criticidade. Holliday, afirma que

A sistematização, ao reconstruir o processo da prática, identificar seus elementos, classificá-los e reordená-los, faz-nos objetivar o vivido, “fazer uma parada para tomar distância” do que experimentamos vivencialmente e converter assim a própria experiência em objeto de estudo e interpretação teórica e, ao mesmo tempo, em objeto de transformação.(1996, p. 29) [grifo do autor]

Nesse sentido, concluo que toda sistematização produz novos significados sobre o vivido, além de incentivar e apontar novas pesquisas não somente acerca de objetos de estudo específicos, mas que

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

também auxiliem a nos entendermos como humanos complexos em busca de completude, pois “sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.” (FREIRE, 1996, p.33).

Palavras-chave

Educação Infantil; cuidar; educar; planejamento; formação docente.

Referências Bibliográficas

BUJES, M. I. E. O pedagógico na educação infantil: uma releitura. Anais da 21ª Reunião Anual da ANPED: Caxambu, 1998.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para Liberdade. Rio de Janeiro. Paz e Terra: 1982.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOLLIDAY, Oscar Jara. Para Sistematizar Experiências. João Pessoa: UFPB, 1996.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. (org.) Educação Infantil: muitos olhares. São Paulo: Cortez, 1996.

OSTETTO, L. E. Encontros e Encantamentos na Educação infantil. Campinas: Papirus, 2010.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. A necessária associação entre educar e cuidar. Porto Alegre: Artmed. Revista Pátio Educação Infantil. Ano I nº 1 abril/ julho, 2003, p. 10-12.